

**BRASIL (1)**

**UM FIM DE TARDE, PARA MIM INESQUECÍVEL**

**(12 de Setembro de 2014)**

**I**

**DA EXCELÊNCIA DAS PESSOAS E DA INSTITUIÇÃO**

Durante o nosso périplo brasileiro, na curta passagem por São Paulo, fui convidada pelo Prof. Dr. Humberto Lima de Aragão Filho para fazer uma palestra sobre violência doméstica, a partir do meu romance *A Mulher que Venceu Don Juan*. (Âncora Editora, 2013) O público alvo muito simpático e caloroso era constituído por alunos de Direito, Pedagogia, Comunicação Social e Gestão Comercial, das Faculdades Integradas Rio Branco, uma organização sem fins lucrativos, criada por associados do Rotary Club de São Paulo, em 1946. Uma instituição de referência: as salas de aula e o auditório excelentemente equipados; a vasta biblioteca de consulta livre, ao estilo das melhores da Europa e dos EUA, cuidada pela sua coordenadora Dr<sup>a</sup> Alice K. Matsumoto, como santuário dos livros. Depois do passeio pela aprazível alameda interior, com um belo espelho de água e vegetação luxuriante, aguardava-nos um belo cocktail de recepção. É bom ser professor ou aluno neste espaço paradisíaco. É igualmente muito bom ser visitante!

O convite que nos fora feito obtivera o apoio das seguintes personalidades, a quem agradeço penhorada: Prof. Dr. Edman Altheman, Director Geral das Faculdades Integradas Rio Branco; Prof. Dr. Alexandre Uehara, Director Académico; Prof. Dr. Paulo Sérgio Feuz, Coordenador do Curso de Direito; Prof.<sup>a</sup> Fabiana Malandrino, Coordenadora do Curso de Pedagogia; Prof.as Ivana Ribeiro e Virgínia Maria Antunes de Jesus, que deram sustentação ao propósito de realizar este evento.

O Prof. Dr. Humberto Lima de Aragão Filho iniciou a vida académica na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais e viria a frequentar mais tarde o Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas, onde se tornou bacharel em Teologia. Seguidamente, cursou Filosofia na Universidade de Mogi das Cruzes e graduou-se em Letras pela Universidade de São Paulo, onde obteve os graus de mestre e

doutor com a tese intitulada “A intencionalidade do tríptico de Lisboa”, na obra de José Rodrigues Miguéis. Actualmente é professor dos cursos de Direito, Relações Internacionais e Comunicação Social nas Faculdades Integradas Rio Branco, em São Paulo e professor convidado da Escola Paulista da Magistratura (EPM).

A Prof<sup>ª</sup> Virginia Maria Antunes de Jesus é mestre e doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo, com uma tese sobre «Miguel Rovisco - O Teatro da História». Pós-graduada em Teoria Literária: Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, possui graduação em Pedagogia e em Letras Português, Francês e Italiano pela Universidade de São Paulo. É professora na graduação e nos cursos de MBA das Faculdades Integradas Rio Branco e na pós-graduação em Bioética e Pastoral da Saúde do Centro Universitário São Camilo. Integra o NCE/ECA-USP como tutora e orientadora de trabalhos de conclusão de curso do projeto Mídias na Educação do MEC/SP, em projectos de educação à distância e na área de Metodologia da Pesquisa Científica e Letras, com ênfase em Línguas e Literatura Brasileira, Portuguesa, Francesa e Italiana. É consultora associada da WellCom - comunicação sem fronteiras, empresa de consultoria empresarial multilíngue e desenvolvimento cultural.

A Prof<sup>ª</sup> Ivana Maria Ribeiro possui graduação em Serviço Social, Licenciatura em Filosofia e Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora das Faculdades Integradas Rio Branco nos cursos de Pedagogia, Administração de Empresas, Análise de Sistemas e Economia. Na modalidade de EAD actua nos cursos de Administração, Comunicação Social, Direito e Relações Internacionais. Membro do Conselho Editorial da Revista Electrónica “Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa”, da Faculdade de Educação da USP. Directora académica do Yázigi Internexus em Itu/SP (2005-2009). Directora do Movimento Paulo Freire/SP (1998-2000). Membro da Cátedra Paulo Freire da PUC/SP (1998-2006). Educadora Social do Núcleo do Trabalhos Comunitários da PUC/SP (1996-1999). Educadora Social do Instituto Paulo Freire Brasil (1999-2000). Apaixonada por música, fotografia e poesia colecciona os seus trabalhos no “Baú dos Pensares”.

## II

### DA AMIZADE

Falar do Prof. Humberto de Aragão Filho é falar de um comunicador nato, de um verdadeiro gentleman. Construímos ao longo dos anos uma amizade sem mácula, baseada na solidariedade literária à volta de José Rodrigues Miguéis. Não é fácil descrever o sorriso claro, a vivacidade do olhar que nos esperava de braços abertos em Guarulhos! Lembro a primeira vez que Humberto e eu nos encontrámos pessoalmente. Foi em Outubro de 2001, no Padrão dos Descobrimentos, nas Comemorações do nascimento do autor de «*Saudades para a Dona Genciana*». Estávamos sentados, por acaso, um ao lado do outro, quando o Humberto descobriu que eu era a autora d' «*O Imaginário de Lisboa na Ficção Narrativa de José Rodrigues Miguéis*», cuja leitura o meu amigo Onésimo Teotónio Almeida tinha aconselhado ao Humberto, quando este preparava a tese de doutoramento sobre o escritor. A empatia mútua aconteceu à primeira vista. Risonho, caloroso, simpático, logo no Natal de 2001, o presente do Humberto bateu à minha porta e nunca mais deixou de bater, até hoje.

Em Novembro de 2003 fui palestrar à USP, convidada pelos Profs titulares Francisco Maciel Silveira e sua mulher Flávia Corradini, e lá estava o sorriso do Humberto na primeira fila. No final da sessão convidou-me para jantar em sua casa, onde tive oportunidade de conhecer a simpática Vilma e os seus fantásticos filhos, todos eles hoje bem lançados internacionalmente, com carreiras fulgurantes.

Em 2008 voltei à USP, a propósito das comemorações dos duzentos anos da ida da Corte para o Brasil, e lá estava de novo o sorriso do Humberto a encher a sala. O mesmo sorriso, sem tirar nem pôr, que nos esperava agora à chegada a São Paulo. Foi bom ter ao meu lado, na mesa da sessão, os meus amigos Profs Francisco Maciel Silveira e Flávia Corradin, cuja presença muito agradeço. Com eles tínhamos estado, na semana anterior, no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, no simpósio organizado pela Prof. Dr.<sup>a</sup> Gilda Santos, sobre o qual falarei noutra lugar. Ambos fazem parte do «Site Pala-vra», competentemente dirigido pelos Profs Humberto de Aragão e Ivana Ribeiro, no qual também tenho o gosto de participar. Foi muito bom ter na mesa o meu companheiro Ernesto Rodrigues, também ele especialista da obra de Miguéis, tendo levado a cabo a edição crítica do romance *O Pão não Cai do Céu* (in *Mágico Folhetim - Literatura e Jornalismo em Portugal*, Lx.,1998).

Last but not least, não tenho palavras bastantes para agradecer a todos os alunos maravilhosos, simpáticos, afectuosos que me estimularam com a sua atenção e também com pertinentes perguntas no final da sessão.

No próximo mês de Novembro, lá encontraremos novamente o nosso amigo Humberto em Paris, na Sorbonne Nouvelle, participando no Colóquio «Décalages» que o Prof. Dr. Georges da Costa organiza com mão sábia, sobre José Rodrigues Miguéis. Aí será apresentado o volume crítico prefaciado e organizado por Humberto de Aragão – «*Um exílio chamado saudade: antologia sobre José Rodrigues Miguéis*» (São Paulo, Editora Intermeios, 2014) reunindo ensaios de Massaud Moisés, Adolfo Casais Monteiro, João Alves das Neves, Cassiano Nunes, Jorge de Sena, Georges da Costa, Onésimo Teotónio Almeida e Teresa Martins Marques. Pela diversidade de textos nele incluídos, e pelo cuidado da sua organização, trata-se de um volume de referência para todos quantos desejam conhecer melhor a obra do autor de *A Escola do Paraíso*.

### III

#### NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS SOBRE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

Escritor português (Lisboa, 1901 - Nova Iorque, 1980). Filho de Maria Adelaide Rodrigues, natural de Góis, Beira Alta e de Manuel Maria Miguéis Pombo, natural de Santiago de Borbén, província de Pontevedra. Licenciado em Direito (Lisboa, 1924) e em Ciências Pedagógicas (Bruxelas, 1933). Foi temporariamente advogado, delegado do Ministério Público e professor do ensino secundário. Atento à imprensa periódica, colaborador d'*A República* e da *Seara Nova*, dirige o semanário *O Globo* (1933) com Bento de Jesus Caraça e envolve-se em movimentos de intervenção cívica democrática. Vendo o seu nome censurado nos jornais, vai em 1935 para os EUA, onde acabará por se fixar e viver a maior parte da sua vida. A partir de 1942, e durante cerca de dez anos, exerce funções de *Assistant Editor* das *Seleções do Reader's Digest*. Colabora regularmente na imprensa de Lisboa, dedicando-se também à tradução de grandes autores como Stendhal, Carson McCullers, Erskine Caldwell, F. Scott Fitzgerald.

A obra de José Rodrigues Miguéis configura-se predominantemente ao nível da ficção narrativa e da crónica-ensaio. Coetânea do presencismo e do neo-realismo, é

relativamente independente do cânone rígido daqueles movimentos, situando-se numa zona de intersecção entre ambos, gerando sínteses originais. Leitor atento de Camilo e de Eça, revela-se mestre da ironia e do humor, problematizando as contradições sociais, analisando o sujeito individualmente considerado, não raro em situação limite de amargura e de perda, mas também em busca de identidade, oscilando entre o regresso como forma de esperança e a fuga como expressão de desistência, a que não é alheia a herança de Raul Brandão.

São em número de seis os romances de JRM: *Uma Aventura Inquietante* (1958), que sob um enredo policial denuncia as arbitrariedades da Justiça, revelando em simultâneo a «gastronostalgia» do expatriado na Bélgica, que só dá valor à Pátria quando se encontra longe dela;

*A Escola do Paraíso* (1960), revelando algumas características do *romance de formação*, é centrada na infância do herói, decorrida entre o fim da Monarquia e os alvares da República, concedendo particular destaque à figura da mãe e à da cidade-berço;

*Nikalai! Nikalai!* (1971), história pícara que retrata uma comunidade de *russos brancos* sediada em Bruxelas, após a revolução soviética, a qual pretende repor no trono o czar Nicolau II;

*O Milagre segundo Salomé* (1975), grande fresco da sociedade lisboeta, da ambiência depressiva que correspondeu à degradação dos sonhos republicanos, que culminaria no golpe de 28 de Maio de 1926;

*O Pão Não Cai do Céu* (1981), a sua obra mais conforme ao cânone neo-realista, onde se destaca a figura do «cigano», herói épico, símbolo unificador da luta pela terra e pela liberdade na planície alentejana;

*Idealista no Mundo Real* (1986) que problematiza as contradições de um jovem magistrado colaborador da *Seara Nova* em busca da sua identidade ideológica e social.

Serão, contudo, a novela e o conto que tornarão JRM referência obrigatória entre os melhores no género:

*Páscoa Feliz* (1932) – Prémio da Casa da Imprensa – revela-se um dos mais penetrantes retratos da desagregação mental do sujeito até ao limite da loucura e do crime, temática que será retomada com menor dramatismo e expressividade na peça de teatro *O Passageiro do Expresso* (1960).

A problemática da dissolução do sujeito, associada a elementos fantásticos,

constitui também a linha de força da narrativa «A Mancha não se Apaga» (*Onde a Noite se Acaba*, 1946). De *Léah e Outras Histórias* (1958) – Prémio Camilo Castelo Branco – destacam-se as narrativas «Léah» e «Saudades para a Dona Genciana» . A primeira, oscilando entre a carta e o diário, constitui-se como solilóquio confitente de um medroso e tímido narrador, evocando a mulher amada e perdida; a segunda, que considero a obra-prima da ficção migueisiana, construída sobre uma dupla sinédoque: Dona Genciana representando o espaço humano da Avenida (Almirante Reis), e esta, por sua vez, representando a cidade de Lisboa, vista disforicamente no passado e euforicamente no presente da rememoração, depreciadas ambas pela vivência e também ambas glorificadas pela memória, testemunhas de um espaço-tempo relíquia, que a saudade faz re(vi)ver.

A condição do imigrante constitui-se como eixo temático dominante nos contos de *Gente da Terceira Classe* (1962) a que não é alheia a experiência autobiográfica, força motriz da obra migueisiana no seu conjunto, que se assume explicitamente em *Um Homem Sorri à Morte – Com Meia Cara* (1959) onde o sofrimento perante a ameaça do fim se transmuta pela coragem e pela vontade, em vitória da vida e da esperança. *Pass(ç)os Confusos* (1982) reedita o livro de contos *Comércio com o Inimigo* (1973) bem como um conjunto de narrativas anteriormente publicadas na imprensa. A produção genericamente considerada como crónica foi reunida em três vols.: *É Proibido Apontar – Reflexões de um Burguês I* (1964); *O Espelho Poliédrico* (1973); *As Harmonias do Canelão – Reflexões de um Burguês II* (1974). *Aforismos & Desaforismos de Aparício* (1996, ed. Onésimo T. Almeida) reúne textos publicados no *Diário Popular* sob o título de *Tablóides*, subordinados a temáticas diversas na área político-cultural, de que se destacam os conceitos de liberdade e de arte, bem como o papel dos intelectuais nas sociedades modernas.

Teresa Martins Marques